

Nº 3  
Julho 1974  
1\$50

# A FORÇA OPERÁRIA



jornal de operários de lanifícios e têxteis

REG.

## OPERÁRIOS DO CONSÓRCIO LANEIRO EM LUTA

De há tempos para cá, o Consórcio Laneiro de Portugal tem tido graves problemas que só prejudicam os operários que lá trabalham. No nº1 e nº2 do nosso jornal demos notícia do que então se estava a passar.

A questão principal era a ameaça de fechar a fábrica. Os patrões e a administração queriam passar as máquinas para Alhandra, fazendo a junção com outra empresa e pôr os operários na rua, pois, segundo eles, havia operários que bastavam em Alhandra. Queriam os patrões e os administradores que tal despedimento se desse no fim de Junho, como está explicado no nº2 do nosso jornal.

Mas seja onde fôr, sempre que há opressão e exploração há também resistência da parte de quem é oprimido e explo-

rado. Deste modo, os operários do Consórcio não ficaram parados e passaram ao ataque. Organizaram uma Comissão para "resolver a situação da empresa"; impediram que as máquinas saíssem para Alhandra; e, mais recentemente, expulsaram dois inimigos da classe operária - o director, Dr. Mário Morais e o chefe dos serviços, Joaquim Piteira Simões. Como estes dois fascistas, depois de serem expulsos, insistiram em voltar, os operários do Consórcio organizaram piquetes de guarda à fábrica que, dia e noite, impediam que os indivíduos expulsos entrassem na fábrica.

Estes e outros factos são contados na conversa, que a seguir publicamos, tida entre operários redactores do nosso jornal e alguns camaradas do Consórcio que estavam de piquete na noite de 16 de Julho.

### 1. O MOTIVO DOS PIQUETES

Qual o motivo que os leva a estar de piquete?

- O motivo é o seguinte: tivemos conhecimento que a administração anda a fazer reuniões fora do Consórcio com o fim de despedir os operários
- Nós não queremos que a fábrica feche por que faz falta a todos para ganharmos o nosso pão.
- Pensamos levar isto até ao ponto de vencermos porque o nosso pão está aqui. Temos que vencer o nosso problema porque é aqui que nós vivemos.

Como decidiram fazer isto?

- À tarde fizemos uma reunião e decidimos ficar aqui. Agora estamos nós até às 11 horas, depois entram os nossos colegas até às 3 horas e depois entram até às 7 horas. Quer dizer, dividimo-nos em 3 turnos.
- Pensámos pedir um delegado da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, mas até agora... Vem hoje, vem amanhã... não apareceu. Não sei porquê, não sei o que se passa, ainda aqui não apareceu ninguém. E como isto está a tomar este caminho, nós tivemos que tomar esta decisão mais rápida.

# fomos nós que montámos a fábrica somos nós que

*Qual é a função deste piquete?*

- Neste momento nós pensamos é ocupar a fábrica tal e qual como está ocupada, para que não seja ocupada pelo Sr Dr chefe dos serviços que foi expulso pelos operários. Nós não temos vontade nenhuma, absolutamente nenhuma, que eles voltem aos cargos que tinham. Foi por isso que nós tomámos esta atitude e tomámos conta das instalações da fábrica para nós, os operários, estar - mos seguros. Porque se eles voltarem para os ser - viços onde estavam teremos que ir todos para a rua, porque eles já nos tinham posto na rua.

- Eu acho que todas as minhas colegas devem colaborar e serem unidas. Nem que a gente vá para a porrada! Temos que nos defender até à última gota de sangue. Foi aqui que nós deixámos a nos - sa vida, a nossa carne, o nosso suor - temos que lutar até ao fim, nem que a gente morra aqui aos pés deles. Sei que há aqui polícia armada dentro da fábrica, mas nós, desarmados, temos que lutar.

## II. AMEAÇA DE ENCERRAMENTO DA FÁBRICA: OS PATRÕES LUTAM PELOS LUCROS, OS OPERÁRIOS LUTAM PELO PÃO

*Porque é que eles resolveram fechar a fábrica? Quais foram os motivos?*

- Sabe-se mais ou menos. A única razão que eles punham era que tinham falta de trabalho, falta de matéria prima, era a única coisa que diziam. E que a casa estava empenhada, muita dívida; e que a casa não podia suportar o encargo que tinha, visto não ter matéria prima. E então queriam fazer a fusão com Alhandra, mas nessa fusão só queriam dar as máquinas - Alhandra tinha dito que tinha pessoal que chegava; queriam só as máquinas e o pessoal ia todo para a rua.

*Acham que isso é desculpa deles ou é verdade?*

- É desculpa. Fomos ao Secretário do Trabalho e ele disse mesmo que das 900 fábricas que lá tinham a nossa ainda era a que estava em melhores tado.

- É desculpa, isso é tudo desculpa. Porque eles no fim de proporem fechar a fábrica ainda estavam a dizer para nós fazermos horas. Ora, se tinham falta de matéria prima, não era para a gente ficar a trabalhar à produção como ainda estamos e ainda quererem que a gente fizesse horas. Dentro do armazém ainda se encontra muito e muito material para a gente trabalhar.

- Como eles sabem que a gente abriu os olhos ao fim destes anos todos, querem modificar a fábrica para que isto continue a ser precisamente aquilo que eles querem. Quando eles veem que alguns de nós já temos os olhos abertos mandamnos para a rua... mas como veem que a gente agora tem lutado, temos os olhos mais abertos (que era o que nós já devíamos ter feito há mais tempo) querem mudar a firma para outro lado. Quizeram mudar a fábrica para Alhandra; nós conseguimos que a fábrica não fosse e continuamos a lutar até à última pinga de sangue, porque nós não queremos que a fábrica mude deste sítio - queremos lutar e ganhar aqui o nosso pão, eu e as minhas colegas todas.

- Várias colegas já foram ao Ministério. Quando uma das colegas chegou do Ministério o en -

carregado da secção da escolha disse para ela "o que é que você ganhou no Ministério? que é que lá lhe disseram?". E ela respondeu que tinha lá ido, sim, mas tinha ido lutar para que a fábrica não fechasse, porque a fábrica estava aqui e aqui tinha que continuar, porque eia aqui tinha deixado a carne e agora tinham que lhe roer os ossos. Então esse encarregado respondeu "os patrões tiram a fábrica daqui cada vez que quiserem". Não é bem assim, fomos nós que montámos a fábrica, fomos nós que trabalhámos para a fábrica produzir - somos nós que temos de lutar para a fábrica daqui não sair.

*Chegou aos nossos ouvidos que a administração tinha a fábrica empenhada. Será que esse empenhamento era para eles encherem os bolsos de lucros ou era para satisfazer as justas reivindicações dos operários?*

- Oh...era mas era para encher os bolsos deles pois!

- Eu sou da mesma opinião. Se a gente se fartava de trabalhar, ora para onde é que iam esses lucros? Eu acho que, se desapareceram, eles terão que tomar a responsabilidade.

O nosso interesse é manter-se isto aberto. Eles têm feito tudo e mais alguma coisa para que isto feche. Portanto estamos a lutar mano a mano a ver o resultado.

- Há dezasseis anos que cá trabalho e desejo que isto continue para ganhar o pão para os meus filhos. Lutamos todos nós, operários que trabalhamos, para que isto seja uma fábrica unida e que isto vá avante. Não queremos que a fábrica feche. As máquinas e a fábrica têm de continuar a ser trabalhadas por nós todos, operários do Consórcio Laneiro de Portugal.

- Já daqui saíram umas máquinas; foi precisamente essas que nós nunca devíamos deixar sair mas nós tínhamos os olhos tapados. Mas ainda talvez seja tempo de a gente os abrir. Daqui já saíram mas não saem mais! Nem que eles cá fiquem aos bocados e a gente também. Precisamos é de uma união como temos tido entre todos os colegas. Lutamos, se possível fôr, de noite e de dia e continuaremos cá até que isto se resolva o mais depressa possível, porque estamos a dar cabo da nossa vida, da nossa saúde, e precisamos de ganhar para o pão.

## III. OS INIMIGOS DOS OPERÁRIOS SÃO POSTOS NA RUA PELOS OPERÁRIOS

*Quais são os senhores que foram postos fora do Consórcio?*

- Joaquim Piteira Simões e Dr. Mário Morais.

*O que têm feito, antes e depois de terem sido postos fora?*

- Não têm feito nada! Aceitaram apenas o saneamento. O Dr. Mário Morais disse que ia apenas pedir a sua demissão. E o Sr. Joaquim Piteira apenas perguntou qual era o dia em que devia sair para a rua. Mas se eles ainda não saíram é porque não estão dispostos a sair. Temos que os pôr à força na rua, seja de que maneira fôr.

- Aquele senhor que acabaram de ver entrar é um dos que nós todos pusémos a andar e que ainda nem sequer saiu, porque a administração diz que

## produzimos / eles têm carros nós andamos a pé

ainda não está despedido perante ela.

*Qual é o nome dele?*

- Ele é o Dr. Mário Morais.

- Mas eles aceitaram. Eles aceitaram os dois a demissão e agora não querem sair. Mas nós é que não os queremos cá. Desejamos é que esse homem vá embora daqui de dentro da fábrica.

*Por que é que o puseram na rua?*

- Pusêmos na rua porque ele, primeiro, queria-nos pôr a nós!

- Queria que a gente, agora no dia 1, fôssemos todos para a rua.

*O que é que ele faz cá?*

- Ele é o director da fábrica.

- Ele não é o director, ele foi o director da fábrica!

*Mas ele entrou agora de carro. Então vocês deixam-no entrar porquê?*

- Tem o prazo de três dias.

- Esse indivíduo, que é o director, entra porque está cá a morar. Nós já lhe demos 4 dias de prazo para sair, e não saiu; e ele disse que "façam o que quiserem mas eu não saio, tenho por onde me mexer..."

- Pois ele já era para ter ido para fora do Consórcio. Temos estado a aguentar quase uma semana. Endereçámos-lhe uma carta em que dizíamos que, durante três dias, teria de sair de dentro do Consórcio. Quando passarem os três dias, nós não o consentimos mais cá dentro.

- Ele ainda agora entrou, mas passados três dias já não deve cá entrar mais. Nós cercamos-lhe a casa, cercamos-lhe tudo, que ele não deve cá entrar.

- Espera-se que esse senhor que cá se encontra dentro vá imediatamente para a rua, antes que a gente resolva as coisas de outra maneira. Para o nosso bem e para o dele, esperamos que esse homem vá para a rua imediatamente, porque, uma vez que ele propôs pedir toda a gente, nós vemos que esse homem é falso para a gente; esse homem queria era encher a barriga como já tem enchido, e ter carros para passear, a ele e às filhas.

- Durante este prazo de três dias, se ele não for, nós não o deixamos cá entrar mais.

- Já cá não entra mais!

- Põe-se-lhe tudo na rua!

*E o que acontece com o outro que foi posto na rua também?*

- Não o deixamos cá entrar mais. Nunca mais cá entrou.

- Segundo consta, nos últimos dias que foi

dito para eles saírem, acho que eles foram ao escritório levantar certos papéis que concerteza lhes seriam precisos.

- Esses papéis tinham provas de certas coisas... Concerteza alguma coisa que os comprometia.

- Que os comprometia, pois!

- Ele que os cá veio buscar é porque lhe foram precisos.

- Para que não levassem mais nenhuns, nós temos estado a fazer piquetes. Precisamente porque esse dr. Mário Morais está cá dentro, se ele a quiser fazer faz mesmo. Não há maneira de sair, e nós resolvemos fazer piquete de hoje para o futuro, constantemente, até que isto seja resolvido o mais rapidamente possível. A gente espera que as coisas se ponham todas no lugar.

### IV. A POBREZA DO OPERÁRIO FAZ A RIQUEZA DO PATRÃO

- Puseram o meu marido na rua. O meu marido ajudou a levantar a fábrica e agora, de pois de dar aqui cabo da sua saúde, há-de estar em casa sem trabalhar, sem ganhar um tostão? É por isso também que eu quero que a fábrica vá para a frente, para o meu marido voltar outra vez para aqui. Eles têm carros, e eu há anos que ando a pé, à espera de autocarros com o meu filho nos braços. Esses senhores que foram postos na rua têm dois e três carros, têm casas aqui, têm casas além, e eu moro numa barraca. Quero lutar para os meus filhos e para ajudar o meu marido. Quero continuar a trabalhar e não quero que isto saia daqui para fora. Eu e as minhas colegas concerteza que devemos vencer.

- Há aí um senhor que tem dois carros. É falado que tem uma quinta no Alentejo; é falado que tem uma fábrica de papelaria no Porto; é falado que tem uma casa, a sociedade, de artigos electrodomésticos. Não é só com o trabalho dele que tem essas coisas todas. Ele vai para o estrangeiro em passeios com a mulher e a filha e nós, infelizmente, nem nas nossas férias temos dinheiro para ir às nossas terras, tão pouco.

*O senhor é dos mais antigos cá na fábrica? Há quantos anos cá trabalha?*

- Há 17 anos. Quando eu vim para cá, já o Consórcio estava a trabalhar. Acho que isto está mal administrado por parte do director e da administração. Ganho 198\$00. Não chega para pagar a renda dum casa e para comer, para mim e para a família. Não chega.

- A conclusão que eu tiro é que estou uma velha cansada, farta de lutar por aquilo que

# não nos interessa o capitalismo para nada

eles levaram. E eu apenas levei o ordenado; foi o que levei e que eles me quiseram dar. Mas agora, como houve estes aumentos, ainda mais eles não queriam dar. E agora que estou cansada, querem-me levar para onde? Para onde é que eu vou? Procuo eu: tenho dois filhos, luta só o meu marido para eles dois? Não, não pode ser assim, porque se eu trabalho é porque necessito, e cada vez mais. Por isso digo: quero que isto continue, e daqui não saio, nem que a gente cá fique sepultada dentro da fábrica. Mas não deve sair, não autorizamos.

## V. TODOS OS FASCISTAS DEVEM SER POSTOS NA RUA

*Acham que ainda há fascistas na fábrica depois de terem feito o saneamento?*

- Há, sim senhor, e muitos! Ainda hoje nós fizemos uma pequena reunião em que ainda havia aqui uma senhora... Nós pusémo-la a declarar tudo. Ela pôs os olhos no chão e foi-se embora. E descaradamente ainda andou no escritório a ouvir telefonia e a falar com as colegas, como se não fosse nada com ela. Não tem vergonha.

- Essa senhora de que estão a falar é minha colega - nós trabalhamos no escritório - e eu é que lá a observei. Na reunião que tivemos, disseram-lhe que ela telefonava descaradamente para um senhor que entrou no saneamento, que era o chefe de serviços. Ela todos os dias telefonava para ele dizendo o que se passava aqui no escritório. Na reunião, foi-lhe dito, mesmo na cara, que ela telefonava para ele todos os dias, e ela não foi capaz de dizer que era mentira. Depois, veio para o escritório e, se havia de ficar confundida e preocupada, não se preocupou; acendeu a telefonia, ouviu-a toda a tarde como se nada tivesse sido.

- Não é só essa fascista que ainda aí há. Há mais fascistas que deviam ser postos na rua.

## VI. A UNIDADE OPERÁRIA

*Acham que é precisa colaboração de outros colegas de outras fábricas de lanifícios?*

- O que nós precisamos é de apoio.

- Acho que sim. Há colegas de outras fábricas que estão dispostos a colaborar connosco. Se nós estivermos todos de acordo com isso eles estão prontos a ajudar-nos.

- Nós não devemos deixar tirar nem sequer um parafuso, quanto mais uma máquina. Havemos de lutar quer seja de dia quer seja de noite. Não arrancaremos daqui; pediremos o auxílio de alguns colegas que estão prontos a colaborar connosco. Acho que se amanhã ou outro dia houver uma fábrica que tenha necessidade de

auxílio nosso, nós também estamos prontos a colaborar com eles. Sei que os colegas de várias fábricas já colaboraram connosco, já foram ao Ministério - da fábrica de Alhandra, fábrica de Torres Novas, fábrica Manuel Dinis, fábrica do Aurélio, fábrica Barros.

- (Um operário de outra fábrica) Nós esperamos também que os operários de outras fábricas de Lanifícios e Textéis se solidarizem com os operários do Consórcio para que estes levem a sua luta mais rapidamente avante. Que eles bastante necessitam! Precisam de viver, precisam de ganhar uma data de coisas de que os administradores não precisam nada. Os operários é que precisam dessas coisas, pelas quais têm andado a lutar desde há muito tempo.

## VII. A IDA AO MINISTÉRIO

*Vocês já foram ao Ministério?*

- Já, duas vezes.

- A posição do Ministério não me está a agradar nada. Já fomos lá aí há uma semana e eles prontificaram-se que no outro dia a seguir mandavam aqui um delegado, e até hoje ainda não apareceu ninguém. Mostraram muito boas intenções... vá lá! Mas, de resto obras não vimos nenhuma - o delegado não aparece, isto continua na mesma e eles, a administração, andam a fazer o joguinho à parte. Arranjámos os piquetes para eles não meterem cá os pés.

## VIII. TODO O CAPITALISTA É INIMIGO DA CLASSE OPERÁRIA

*Esta luta que os colegas estão a fazer será só para pôr estes senhores na rua ou será uma luta para futuro, contra a exploração capitalista?*

- Eu acho que deve ser uma luta para futuro. Porque nós não nos interessa o capitalismo. Não é uma luta só para deitarmos a administração fora - é uma luta para futuro.

- Não nos interessa o capitalismo para nada. Eu acho que nós devemos ter uma vida desafiadora, ter uma vida que a gente possa viver com decência. Não é agora uns viverem com tudo e outros não terem nada. Como esta colega disse há bocado - viver numa barraca. - Isto é uma luta operária contra o fascismo. O fascismo em Portugal tem sido uma morte para todos os trabalhadores. E é isso que nós não queremos - que ele reine mais.

*Mas se aparecerem aí outros capitalistas que não sejam fascistas como estes, acham que eles deixavam de explorar os operários? Só por não serem fascistas? Não acham que têm de lutar sempre contra o capitalismo?*

- Então, um fascista é um capitalista, acho eu!

## esta luta deve continuar sempre

Todos os capitalistas querem o mal a todos os operários que trabalham, que dão o suor para eles viverem sem fazerem nada. Esta luta deve continuar sempre, em todos os trabalhadores, em qualquer indústria em que se dêem casos como este.

- Mas para isso temos nós todos de estar bem à testa com isso. Temos que ter os olhos bem abertos e não deixar fazer aquilo que eles querem. Porque se nós trabalhamos e lutamos para pôr a fábrica de pé, também temos direito às reivindicações e a melhores condições de trabalho.

### IX. A COMISSÃO E O CONSELHO

- O Conselho é formado por cinco elementos que estão actualmente a par de toda a engenhagem no Consórcio. Quer dizer, estão a par de todo o movimento do Consórcio. Esse Conselho comunica depois o que se passa à Comissão, formada por quinze elementos, e esses quinze elementos transmitem a todo o pessoal tudo quanto se passa no Consórcio.

*Porque é que resolveram fazer um Conselho e uma Comissão e por que é que não existe só o Conselho ou só a Comissão?*

- A Comissão já existia e depois foi pedido o Conselho para actuar junto da administração, em todas as reuniões que eles tivessem dentro do Consórcio. Mas as reuniões não foram feitas dentro do Consórcio, porque a Administração tentou ir para fora e fazer as reuniões fora da fábrica.

*Que reuniões são essas que se fazem lá fora?*

- A gente não sabe. São os administradores da fábrica juntamente com o chefe dos serviços e o director que foram expulsos - e nós nada sabemos até ao momento. Sabemos sim, que a Junta Nacional dos Serviços Pecuários está interessada, neste momento, em manobrar o Consórcio, mas é com a condição de entrar o director, ou seja o dr. Mário Morais, e o chefe dos serviços, que é o sr. Simões. Mas nós não estamos de acordo que eles entrem, uma vez que a gente os pôs fora.

*Então se vocês não sabem bem o que se passa nessas reuniões, para que serve o Conselho?*

- Este Conselho serve e tem servido para esclarecer o pessoal do que se vai passando dentro do Consórcio - que a administração esteve uma semana sem cá aparecer por causa de assinar cheques e letras e tal, tal, tal. Pois o Conselho vai esclarecendo a Comissão de todos esses pormenores, e não tem dados de mais nada, porque eles não comunicam para cá.

*Quer dizer: as reuniões entre os patrões deviam ter a assistir o Conselho eleito pelos operários...*

- Era para ser mas não é. É só lá com eles. Os patrões não aceitaram o Conselho para as reuniões. Por isso é que eles as fazem lá da parte de fora e não as fazem cá no interior da fábrica.

- O Conselho não actua junto dos patrões porque eles não deixam. Não comunicam onde são as reuniões e não convidam ninguém. Mas era nossa intenção ir um membro ouvir todas as conversações para transmitir ao resto do pessoal.

### X. A IMPORTÂNCIA QUE PODE TER UM JORNAL COMO "A FORÇA OPERÁRIA"

*Foi distribuído um jornal - chama-se "A Força Operária" - feito por alguns operários dos lanifícios e têxteis. A intenção do jornal, dizemos mais ou menos qual é: dar as notícias do que se passa aqui no sector dos lanifícios e dos têxteis, dar a conhecer a todos os operários o que se passa, dar notícias das lutas...*

- Acho bem. Interessa realmente é saber o que se passa, para a gente estar dentro do assunto. Quanto mais melhor, por que a gente assim, mesmo que haja uma coisa qualquer, já estamos prevenidos, ao passo que se a gente não souber nada, somos apanhados de surpresa...

*Vocês eram capazes de se reunirem e tentarem fazer, por exemplo, um artigo que resumisse as vossas exigências e o que estão agora a lutar, para depois aparecer no jornal?*

- Sim senhor, pode-se concretizar uma coisa dessas. Um rascunho. E mandar para vir publicado neste jornal.

*Combinado. Entreguem depois, por exemplo, a alguém que vejam a distribuir o jornal.*

**a intenção do jornal é dizer o que se passa nos lanifícios e têxteis e dá-lo a conhecer a todos os operários, dar notícias das lutas**

# entrevista

## com camaradas da MESSA

Como havíamos prometido — embora estivesse para sair em separata — damos agora a conhecer a entrevista que tivemos com colegas em greve, da MESSA, fábrica de máquinas de escrever. A greve acabou já há bastante tempo mas, embora com atraso, achamos que é nosso dever dar a conhecer a toda a classe operária o espírito de unidade e de luta que esses camaradas demonstraram.

### Quais os motivos da vossa greve?

- Nós queremos justiça para todos os operários.

Nós achamos que não se vive com menos de 6000\$00. Para viver, a gente pede aquilo que é justo.

- Olhe, nós somos operários também aqui da empresa, interessados em falar pois somos operários antigos cá da casa com ordenados baixos e com aumentos também pequenos. Eu estou cá há dez anos e tenho-me mantido com um ordenado de 3600\$, mas até aqui foi sempre um dos mais baixos e trabalhava o mesmo. Até fui dos operários que trabalhou bastante pela empresa para a livrar de uns certos e determinados prejuízos, e até agora prometaram-me uma gratificação que ainda não recebi. Quando chegava à beira de alguém para pedir ordenado e tratar qualquer assunto, diziam-me "que é que o senhor quer que lhe façam? o senhor tem que suportar...". Uma das vezes até fui ameaçado de ser posto no meio da rua!

- A posição dos operários é só uma, pois se vivemos com um salário miserável, não vivemos, vegetamos. Por exemplo, com 2500\$00, onde é que se paga uma renda de casa de 1500\$00 ou 1800\$00!

- O salário que ganho é para mim e para dois filhos. A minha mulher também

está cá empregada, mas ganha mais do que eu, 3800\$00, e tem 6 anos de casa.

- Nas outras lutas éramos sacrificados ao máximo, explorados e em recompensa não nos podíamos queixar, pois eles não davam uma solução, e por fim ainda diziam o que o meu colega contou: "que é que querem que a gente faça?". Nós calávamo-nos, procurávamos ganhar mesmo o pouco que era. Era muito pouco para a gente se manter com os nossos filhos.

- Nós estamos firmes e enquanto não nos derem aquilo que a gente merece não saímos daqui. Estou aqui a ganhar 3800\$00, tenho quatro filhos, e eu e a mulher somos seis. Pago setecentos escudos de renda de casa e moro praticamente numa malhada.

- Nós vamos até ao fim, nem que os meus filhos tenham de andar de porta em porta. Eu daqui não saio: só morto!

- Está aqui esta menina que tem quinze anos, obrigam-na a fazer a mesma produção que eu e ganha 1500\$00. Exigem-lhe ali um ponto aberto com a mesma produção que eu, e ela ganha isto. Podiam ver que ela tem prática e produz. Deviam-lhe dar mais.

- Se há trabalho igual, não vamos à idade, é salário igual. Os patrões têm os mesmo lucros e pagam menos aos menores...

- Se nós fazemos as contas e vemos que 6000\$00 é mesmo aquilo que precisamos, se vamos ficar com 4000\$00 ficamos na mesma.

### Vocês pedem também as 40 horas de trabalho?

- As 40 horas de trabalho não são sequer uma reivindicação a nível nacional, é até internacional. O nosso sin-

dicato, nas reuniões que têm tido, pedia as 40 horas para os metalúrgicos.

● Sobre os bufos e saneamento qual a vossa posição?

- Queremos justiça. Eliminar do seio da empresa todos os ditadores que sempre cercearam as aspirações dos trabalhadores na sua evolução profissional, impuseram castigos injustos, disseram palavras menos correctas de chefe para subordinados ou vice-versa, protegeram os bufos, albergando no seu seio os engraxadores, que normalmente são os menos competentes, prejudicando tanto a entidade patronal como o trabalhador a fim de manter o seu reinado.

- O saneamento da empresa é tão importante como tudo aquilo que nós pedimos nas reivindicações que são inteiramente justas.

- Nós queremos justiça... Inclusive tínhamos um prémio que não era reparado justamente. Quer dizer, enquanto uns trabalham muito e têm pouco prémio, outros pouco trabalham e conseguem o dobro ou o triplo. Nós queremos justiça em todas as secções e queremos justamente o saneamento de outros indivíduos que não interessam ou que não trabalham. Terá de ser o trabalhador a dizer "sais tu, sai aquele, aquele outro". A comissão é que vai analisar todos os pontos e depois as pessoas apresentam problemas: "aquele senhor fez-me isto assim assim". Depois a comissão analisará tudo isto, se tem cabimento ou não

- Isto é um princípio, estas primeiras reivindicações são a base. Queremos ter uma vida mais à vontade, porque no resto todas as outras reivindicações, saneamento e melhoramento de condições de vida estão no nosso caderno reivindicativo.

- Nós queremos que haja justiça para todos os operários!

● Como se organizaram para a luta?

- Tudo começou pela organização de uma



comissão eleita pelos trabalhadores. Foram eleitos nove elementos. Esses nove elementos tiveram bastantes contactos com a administração. Tiveram também reuniões com os trabalhadores onde expuseram tudo o que se estava a passar. Não chegaram a acordo. Foi então decretada a greve com ocupação. A partir daí a comissão chamou a si vários colaboradores para se organizarem perante a fábrica. Foi feito um quadro de distribuição de tarefas. Hoje existe outro quadro mais completo pois assim que se ia avançando na greve foram-se descobrindo as faltas. Depois a cada pessoa foi dada a sua tarefa mediante os sectores que ocupa.

Temos informações para o exterior, propaganda, jornal. Tudo isto foi feito na primeira fase com a experiência recolhida até àquela altura. Tentámos depois ver mais a fundo o problema e criar essas tarefas. Agora estamos mais ou menos organizados como deve ser.

- A ocupação é total. Ocupação dos locais de trabalho e do refeitório que está a trabalhar por nossa conta. Temos uma creche e tentámos fazer com que as colegas casadas com filhos na creche e outros infantários saíssem logo, para se prepararem para uma greve deste género.

- As pessoas casadas foram informadas que os filhos podiam permanecer na creche, pois a creche também está ocupada por nós. Toda a fábrica está ocupada por

nós, temos uma cantina que também funciona para nós.

#### ● Como é que surgiu a ideia do jornal?

- A ideia já tinha surgido há muito tempo, mas agora foi posta em prática.
- É junto dos trabalhadores que são recolhidas as notícias, pois os jornais são feitos pelos trabalhadores.
- Foram feitos também comunicados à população em face dos boatos que eram lançados. Foi feito um comunicado para o povo dos arredores sobre o que se passava na fábrica.

#### ● Qual a reacção do povo da zona?

- De início foi aquela proveniente de 48 anos de fascismo: "você não quer trabalhar!" Aquele sistema das pessoas que não sabem ainda o que é nem o que querem. Agora não! O pessoal já está a ver o que é que pretende.
- Como prova disto, uma pessoa de Mem-Martins veio oferecer à comissão dos trabalhadores um ramo de rosas. Tivemos outro que veio oferecer um cravo para por no mastro da bandeira nacional. Houve um miúdo que nos veio oferecer um ramo de espigas, etc.

#### ● Como passam o tempo de ocupação?

- Olhe, vai haver uma sessão esta noite. Foi um grupo de rapazes que se organizou lá em cima na fabricação, arranjaram cantares que querem transmitir aos colegas e depois há a projecção de um filme.
- Até já tivemos reuniões às 5 horas da manhã em que estiveram 400 pessoas existindo na fábrica 1780 operários.

#### ● Qual a posição dos patrões para com os operários e perante a luta operária?

- A empresa nada tem feito para nos proteger. Tem havido aqui muita gente que tem ficado sem dedos, sem mãos, aleijados, mutilados e a empresa continuou sempre pela vida fora, tendo-se apercebido



disso. Esses desastres continuavam a dar-se e a empresa não tem feito nada de segurança para a gente, não tem protegido o trabalhador em coisa nenhuma, só tem explorado o trabalhador. Isto é a realidade que vocês vão ver pelos vossos próprios olhos... É uma miséria total em que vivemos!

- Nós temos uma colega que cortou três dedos, e como recompensa deram-lhe de aumento 3 tostões à hora. Nós estamos muitas mulheres numa secção que realmente tanto perigo é para umas como para as outras, e temos grandes diferenças de ordenados. Se o trabalho é igual, ordenados iguais!

- Eu fui um dos últimos operários cá da Messa que se dirigiu ao sr. Barreiro Gallo: "sr. engenheiro eu sou o operário nº... e ganho 3800\$00 e tenho 10 anos de casa". Ele disse-me: "eu não sou o culpado"... Pois não, sou eu, eu é que sou o culpado... Se realmente eles não eram culpados, eramos nós não?

#### ● Os operários da Messa devem é comer ferro"

- Os cavalheiros da administração disseram-nos assim: "os operários hão-de comer ferro!"

Estamos cá para comer o ferro... Esses cavalheiros são o Barreiro Gallo, esse Almeida Ricardo, esse Águas, essa Maria Carolina e outros, esse déspota que é o Rui de Matos. São esses cavalheiros todos que dizem: "os operários da Messa devem é comer ferro"... Eles não comem porque já engordaram muito! São eles que ganham o rendimento ou somos nós operários que estamos a dar o rendimento à economia nacional? Temos o direito de exigir os nossos interesses. Eles abandonaram isto e chamaram as forças armadas dizendo que cá estava o pessoal sequestrado, preso, etc.

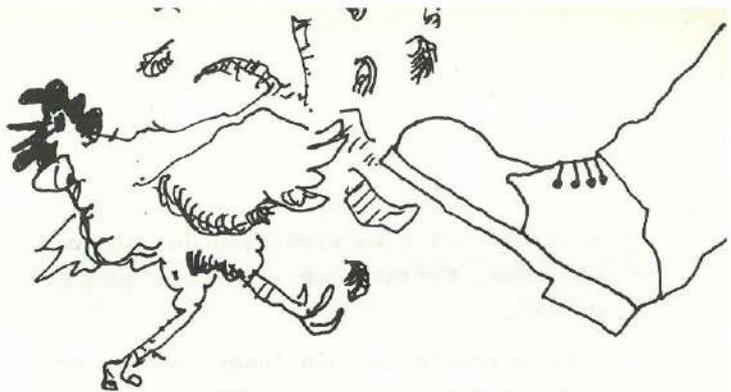
- Talvez não fosse despropositado contarmos aquela mentira vergonhosa que eles pregaram às forças armadas. Foi indicado às forças armadas que se estava a tomar uma posição de sequestro. Pois as F. A. presentes assistiram a uma reunião. Olhe, falaram, perguntaram coisas até não foi a comissão, foi a malta a recebê-los, todos os colegas, todos os camaradas da fábrica que os receberam, lhes comunicaram que estavam cá de livre vontade. As F. A. viram que não havia sequestro nenhum e foram-se embora. Até hoje nunca mais regressaram.

- Os patrões ainda não responderam porque querem tudo para eles e nada para a gente... Porque eles ganham 30 contos para eles. 30 contos é só para eles irem vivendo, para "sobreviver", sim, é assim que eles dizem... E a gente ganha 2 ou 3 contos que "chega para uma vida larga". A gente ganha para irmos simplesmente trabalhando para eles. Isto é o contrário do que eles dizem.

- Aderi à greve e o caso é este, a malta encontra-se toda em boa harmonia, todos colaboram para o mesmo. O sentido é só um, é o da malta proletária da Mesa vinculada pelos interesses do proletariado mundial. Há muitos anos que andamos debaixo desse capitalista que é só um: eles todos unidos fazem só um - o capitalista - e nós somos os operários a quem eles intitulam de escravos.

Qual tem sido a posição do Sindicato dos Metalúrgicos perante a vossa luta?

- A posição do Sindicato foi má. Ora nós pedimos afinal aquilo que o nosso Sindicato, já desde Janeiro - antes do 25 de Abril, pedia, incitando-nos para a luta, que incidia principalmente nos 6000\$00 e nas 40 horas. Portanto, nós lançamo-nos, sentindo que tínhamos o Sindicato a apoiar-nos. Nós agora verificámos que, sem sequer sermos consultados, nem nos dizerem qualquer coisa, ao menos uma justificação, fomos atraçados pelo nosso Sindicato. Eles aceitaram os 4500\$00 e as 45 horas de trabalho. Nem ao menos as 44 horas que nós



pedíamos para já.

- Vieram cá dois elementos do Sindicato, aqueles que o representam mais. O problema é sempre o mesmo - "É a economia nacional que está mal...", "Não se pode fazer greve que a economia vai abaixo...". Ah! Isso é chacha, a economia! A economia de quem? A dos capitalistas, a nossa não, a nossa está em baixo há muito tempo. Sim, sim, já há tantos anos que está em baixo... Então pode lá ser, a economia do país?! Olhe, nós temos é que ir para a frente, isto não pode ser assim...

Houve um dos trabalhadores que estavam lá dentro que soube, saiu, e veio informar os outros... até íamos tendo problemas, porque os trabalhadores queriam pôr os dois homens na rua muito depressa!

- Não foram os trabalhadores que cederam, pois se foram os trabalhadores reunidos que pediram as 40 horas essa posição era dos trabalhadores e não do sindicato. Foi entre eles que deliberaram que 45 é que era bom... Isto está mal, eles representam os trabalhadores não se representam a si próprios.

- Daqueles que têm duas caras, como o feijão frade não interessam a ninguém. Aqueles que dizem uma coisa e depois fazem outra não são homens, são uns palhaços quaisquer!

- Olhe, se eles fossem operários sabiam o que custa trabalhar! Eles queriam adormecer o pessoal... Não me embalam. A única proposta que eles deram, demonstra bem aquilo que eles são. Não são pelos operários. Estão a defender os interesses dos patrões, e não os dos operários.

- Agora com isto ainda mais fizeram com que nós perdessemos a confiança e justamente pensássemos que temos de ter mais força uns nos outros. Acho que nós e até todas as fábricas que se encontram neste momento na mesma situação,

acho que nos devemos unir ainda mais e lutar contra um sindicato que não nos convence. Portanto um sindicato que nos defenda!

- Eu acredito que não temos ainda os sindicatos que nos apoiam verdadeiramente. Temos de ser nós unidos, não uma fábrica independente de outra que vai conseguir. Queremos um sindicato que nos apoie, que seja totalmente independente do governo e que nos apoie e que a gente tenha confiança neles.

### "Unidade Operária. Já conquistámos muito"

- Nós fizemos a greve, quem fez a comissão fomos nós, não foi a comissão que fez a greve, foi a gente, e foi a gente que fez a comissão..."Vamos fazer uma greve porque tem que ser, vamos lá arranjar uma comissão e juntámo-nos todos.

- Eu nunca tinha tido esta experiência. Acho que é a coisa mais bonita que eu já vi na minha vida. Se todas as greves fossem como a da Messa isto endireitava. Até aqui tem sido uma união, uma coisa formidável. É a coisa mais bonita... Se todas as fábricas do país fizessem como nós, deitávamos o patrão abaixo, deitávamos o capitalismo abaixo.

- Nunca pensei que nós nos ligássemos tão bem. Nestes dias de greve nunca houve uma questão, as pessoas, posso assegurar porque é verdade, que estavam zangadas fizeram as pazes, eu posso garantir pela fabricação que lá não há uma única pessoa zangada e havia diversas como há em todas as fábricas. Pois neste momento somos todos amigos - a unidade é perfeita.

- É isso que afecta os patrões: a unidade dos operários. A desunião entre os trabalhadores é uma glória para eles. Visitando pela primeira vez uma secção da fábrica depois de tantos anos de trabalho, uma colega exclamou ao ver uma grande máquina: "não sabia que existia isto e que era uma mulher que trabalhava com uma máquina destas, as pessoas não conheciam o seu valor"

Dois indivíduos que trabalhavam durante oito anos lado a lado na bancada por motivos profissionais e talvez até por motivos pessoais, deixaram de se falar. Pois no dia em que isto estalou olharam um para o outro, abraçaram-se e choraram como duas madalenas. Hoje andam de braço dado a conversar um com o outro.

- Há operários que já se prontificaram a emprestar aos outros. Enquanto tivessem iam subsidiando os outros - isto é uma unidade completa - aliás, eu não sei se nós venceremos, vamos vencer com certeza, no entanto, se se desse o caso de não conquistarmos o que queremos já tínhamos vencido qualquer coisa, já conquistámos muito: conquistámos uma consciencialização que durante todo o tempo do fascismo não éramos capazes de conquistar. As pessoas já sabem o que querem! Viva a Comissão!

- Nós temos sido aqui como irmãos... Agora já não queremos cá Gallo nem galinhas, queremos outra liberdade e queremos cá os 6000\$00.

- Os operários unidos jamais serão vencidos!

- Não é uma fábrica nem duas, nem três, terão de ser todas as fábricas. Se todos os operários se unissem, nós conseguimos, agora assim, sendo só uma, assim não temos possibilidades...

- Fora com o Gallo!

Fora com a administração toda!

- A nossa luta só tem verdadeiro significado se tiver como objectivo máximo a emancipação dos povos de todo o mundo!

- Operários unidos jamais serão vencidos!

●  
Camaradas, a greve da Messa acabou. Por grande maioria de votos os companheiros da Messa decidiram voltar ao trabalho. Embora só tenham conseguido ganhar algumas reivindicações, as vitórias foram, no entanto maiores para os operários e para a sua unidade do que as derrotas. Se pensarmos no cerco que os reacionários nos fazem, lançando apelos constantes nos jornais,

na rádio, na televisão, para a cabar com a luta operária, com o choradinho da economia dos patrões, quando esses mesmos reacionários fazem manobras nas nossas costas aceitando acordos de trabalho sem consultar os trabalhadores, quando por todos os meios tentam isolar as fábricas e as suas lutas, compreendemos porque sentiram os companheiros da Messa que deviam parar.

Mas o ambiente da Messa não é de derrota, pelo contrário. As vitórias foram muito grandes e servem-nos de exemplo. Estamos com os camaradas da Messa que durante a luta construíram uma verdadeira unidade operária e que chamam os camaradas das outras fábricas a unirem-se pelo mesmo fim:

**UNIDOS CONTRA OS PATRÕES VENCEMOS!**

## MASSACRES EM LUANDA

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 12

bairros africanos e nas ruas disparando rajadas de metralhadora sobre africanos que se encontram nos passeios.

Nessa mesma noite embarca para Lisboa uma comissão de nacionalistas africanos (angolanos) para se avistarem com o general Spínola e com o M.F.A. para denunciar os crimes praticados.

Além de se referirem ao pavor em que vive a população africana, acusam as organizações fascistas e colonialistas que continuam a actuar livremente em Angola, e responsabilizam o governador geral Silvério Marques e o comandante chefe das F.A. Franco Pinheiro pelo que se estava a passar.

Acusam as autoridades de Luanda, PSP, F.A. de "passividade" e protecção aos taxistas e camionistas, citando ainda um caso em que um guarda negro da PSP tinha sido agredido pelos manifestantes diante de colegas brancos sem que estes intervissem.

Referindo-se ainda ao terrorismo dos colonialistas, um dos elementos da comissão contou ainda o seguinte caso:

Em Dalatando o patrão de um talho mata à paulada o criado negro por este se ter recusado a fazer horas extraordinárias. O médico branco que foi ver o morto diagnosticou como causa da morte "uma crise aguda de paludismo".

Nos dias seguintes os massacres continuam.

15 de Julho-

- dia de greve geral em sinal de luto por parte dos trabalhadores africanos.

- luto académico de 3 dias decretado numa reunião plenária de estudantes

Ao fim da manhã um grande contingente de militares africanos (cerca de 1200) dirigem-se ordeiramente e desarmados para o quartel general pedindo poderes para proteger o seu povo. Os soldados eram acompanhados e apoiados por uma grande massa de africanos. A umas centenas de metros do quartel general a PSP e as F.A. impedem a marcha da população e carrega sobre ela.

Entretanto os soldados conseguem chegar ao palácio onde se encontravam bastantes populares negros. Novamente a tropa metralha fazendo dezenas de mortos. As notícias publicadas nos jornais em Portugal atribuem sempre a origem das confrontações a disparos acidentais. Estes acidentes vão-se sucedendo aumentando o nº de vítimas do colonialismo português.

À tarde, próximo do bairro da Luca centenas de colonialistas portugueses pretendiam avançar em direcção aos bairros negros, armados de caçadeiras e cacetes.

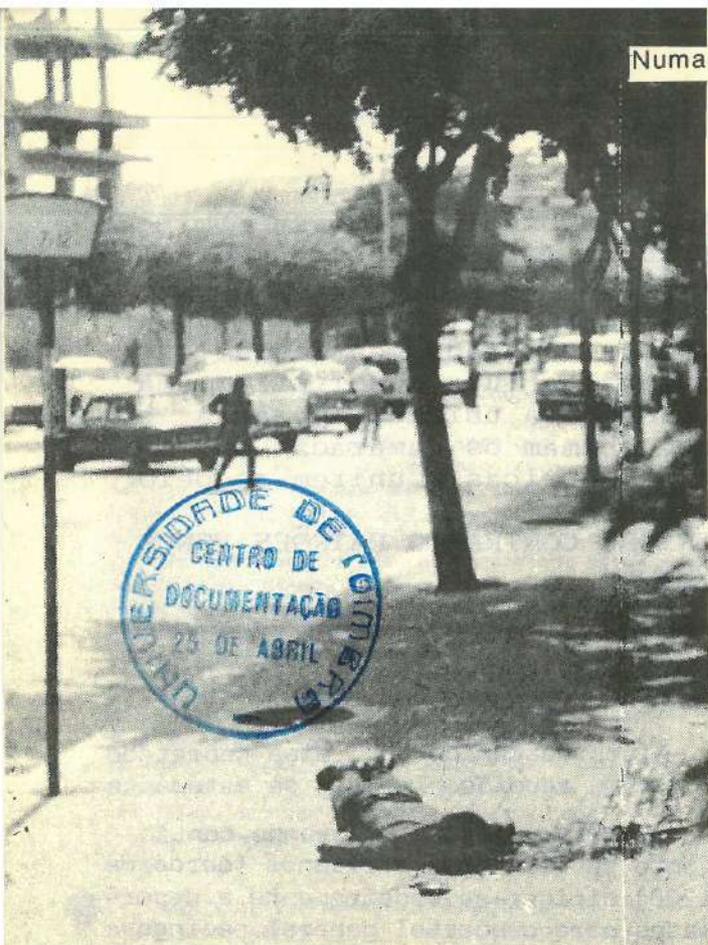
Nessa mesma tarde decorreu o enterro de 4 africanos assassinados nos muceques. Cerca de 30.000 angolanos acompanharam os corpos. Destacavam-se no cortejo as bandeiras dos movimentos de libertação assim como as suas palavras de ordem revolucionárias:

"Não à autodeterminação — o que queremos é a independência".

"Independência total"

"O futuro de Angola pertence aos africanos"

"Abaixo o comandante chefe das F.A. em Angola!"



## MASSACRES EM LUANDA cronologia

Os factos que a seguir se descrevem referem apenas uma pequena parte do que foi o terrorismo branco em Luanda, do qual resultaram grande nº de vítimas

### 11 de Julho-

À 1 hora da manhã é encontrado morto dentro do carro no Muceque (aldeia) Cazenga, um motorista de taxi branco, ignorando-se as causas da morte.

A partir das 7 h. da manhã um numeroso grupo de colonialistas (motoristas de taxi, comerciantes e população portuguesa) faz uma manifestação provocatória até ao palácio do governador geral para exigir represálias. À mesma hora eram agredidos os trabalhadores africanos que se dirigiam para o trabalho.

À tarde os colonialistas dirigem-se para a Emissora Oficial e posteriormente para os Estudos Norte da Emissora Católica com o fim de assassinar dois produtores daquelas estações por "estarem a favor dos negros".

Estes conseguiram fugir a tempo. Os terroristas brancos abandonaram as emissoras depois de destruírem as máquinas, secretárias, janelas...

Entretanto realiza-se uma manifestação racista que integrava motoristas de taxi, camionistas e população portuguesa em que provocadoramente exibem armas. Todas estas provocações são feitas perante os olhos da PSP e das F.A. que não actuam.

Pelas 19,30 h. cerca de 40 colonialistas armados colocam-se à entrada do bairro Cazenga e massacram os africanos que se dirigem de autocarro para casa vindos do trabalho.

São espancados dentro dos autocarros homens, mulheres e crianças. Aqueles que conseguiam escapar dos carros eram perseguidos a tiro.

Noutro bairro africano (bairro da Luca) deu-se o maior nº de vítimas. Os colonialistas armados de pistolas, granadas, caçadeiras, etc. fazem parar os autocarros e agridem os africanos indefesos.

Antevendo mais crimes, são pedidas nesse mesmo dia medidas de protecção ao governo geral e ao comando das F.A. Estas não actuam e o nº de vítimas cresce durante a noite.

O comando chefe das F.A. informa no dia seguinte:

"Durante a noite de ontem e madrugada de hoje verificaram-se no bairro Cazenga lamentáveis e criminosos actos de violência que causaram a morte a 7 pessoas."

### 12 de Julho-

De manhã cedo os trabalhadores africanos dirigem-se aos hospitais, retiram os corpos dos seus filhos mortos na véspera e leva-os numa manifestação de luto e protesto, atravessando a cidade branca em direcção ao governo geral.

A PSP e as F.A. carregam sobre os manifestantes desarmados roubando violentamente os corpos que o povo transportava.

Entretanto em frente do palácio do governador Silvério Marques, enquanto uma comissão conseguia finalmente falar com o governador, as F.A. reprimem novamente com violência a população negra que se cocentrava diante do edifício.

Durante a noite os terroristas brancos continuam a fazer mais vítimas nos

CONTINUA NA PAGINA 11